

## A CONCORDÂNCIA VERBAL NOS *CONTINUA* SOCIOLINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO LUANDENSE

Silvana Silva de Farias Araújo <sup>1</sup>

### RESUMO

Utilizando o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, pesquisa-se a concordância verbal com a primeira pessoa do plural em duas variedades nacionais da língua portuguesa, a brasileira e a angolana. Investigam-se possíveis semelhanças ou dessemelhanças entre o português falado nessas duas ex-colônias portuguesas no que tange a esse fenômeno variável. Acolhendo a visão da bipolarização de normas do português brasileiro, investiga-se também como se estrutura nessas duas variedades o *continuum* sociolinguístico. Os resultados da análise apontam para um uso preponderante da regra padrão de concordância no português popular luandense e, por outro lado, para um amplo quadro de variação na fala popular brasileira. Já os resultados com os dados da norma culta apontam para a concordância categórica nas duas variedades do português.

**Palavras-chave:** Concordância verbal; Bipolarização de normas linguísticas; Português brasileiro; Português angolano.

### ABSTRACT

Using the theoretical and methodological framework of Sociolinguistics variationist, we analyze the verbal agreement with the first plural person in two national varieties of the Portuguese language, Brazilian and Angolan. This work aims to investigate possible similarities or dissimilarities between the spoken Portuguese in these two former Portuguese colonies, in relation to this variable phenomenon. Welcoming the view of the bipolarization standards of Brazilian Portuguese, it also investigates how to structure these two varieties the sociolinguistic continuum. The analysis results indicate a predominant use of standard correlation rule in the popular Portuguese spoken in Luanda and, on the other hand, for a wide variation in Brazilian popular speech frame. In addition, the results with data from the refined norms point to the categorical agreement in two varieties of Portuguese.

**Keywords:** Verbal Agreement; Bipolarity of language rules; Brazilian Portuguese; Angolan Portuguese.

---

1 Doutora em Língua e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Professora do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/MEL/UEFS). E-mail: silvana.uefs.2014@gmail.com.

## APRESENTAÇÃO DO TEMA

Muitos estudos sobre o uso variável da concordância verbal de número já foram realizados com dados do português brasileiro (PB), desde o precursor trabalho de Naro e Lemle (1976). De modo geral, os resultados demonstram que a ausência das marcas de plural nas formas verbais é típica do português popular e rara no português culto brasileiro. No que tange a esse fenômeno, comprova-se, portanto, a bipolarização de normas linguísticas no PB (LUCCHESI, 1994, 2001, 2015), opondo a fala de pessoas alocadas no estrato sócio-econômico-cultural baixo ao de pessoas que podem ser consideradas da elite brasileira.

A título de ilustração do que se afirmou acima, observe-se que, em estudos em que foram considerados dados de adultos analfabetos ou parcaamente escolarizados, o percentual de uso da aplicação da regra com ausência de morfemas de plural é sempre superior a 50%, conforme atesta Tabela 1:

Estudo	Sem morfemas de plural
<b>Naro (1981)</b>	52%
<b>Guy (1981)</b>	57%
<b>Anjos (1999)</b>	70%
<b>Bortoni-Ricardo (2011[1985])</b>	65%
<b>Rodrigues (1987)</b>	71%
<b>Silva (2005)</b>	74%

Tabela 1: Frequência de uso da não aplicação da regra padrão de concordância verbal com P6, tomando-se por base alguns estudos com dados do português popular brasileiro (urbano, rurbano e rural)

Do mesmo modo, ao se observar os resultados de outros estudos que investigaram uma amostra mais diversificada e que controlaram a variável escolaridade, constata-se um desfavorecimento da aplicação da regra de concordância padrão nos dados de informantes com baixa ou nenhuma escolarização, conforme fica evidenciado na tabela seguinte:

Estudos	Com morfemas de plural		
	APL/TOTAL	Frequência	Peso Relativo
Scherre e Naro (1997)	1125/1787	63%	.39
Oliveira (2005)	470/1200	39%	.33
Resende (2006)	56/548	10%	.19
Monte (2007)	94/491	40%	.40
Souza (2011)	518/1050	49%	.22

Tabela 2: Atuação do fator *baixa ou nula escolarização* na aplicação da regra padrão de concordância verbal com P6, tomando-se por base alguns estudos com dados do PB urbano

Em vista desses aspectos e devido à realidade bipolarizada no uso da regra de concordância verbal no PB, é necessário ter cautela quando se trabalha com dados provenientes de uma amostra com diferentes perfis. Para que melhor fique entendido o que se está argumentando, retomam-se, por exemplo, os resultados alcançados por Monguilhott (2009), em sua análise contrastiva com dados do PB e do português europeu (PE) contemporâneos. A autora, considerando dois níveis de escolaridade, fundamental e superior, com informantes equitativamente distribuídos nas duas variedades nacionais, encontrou os seguintes resultados:

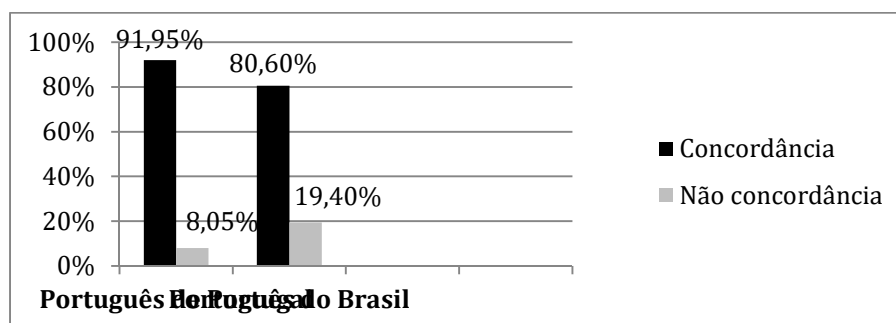


Gráfico 1: Distribuição geral dos resultados de Monguilhott (2009). Adaptado.

Os resultados apresentados no gráfico 1 levam a crer que há semelhanças entre as duas variedades do português, havendo o predomínio em ambas da aplicação da regra de concordância padrão. Entretanto, como a escolaridade dos informantes da pesquisa da autora abrange desde o ensino fundamental incompleto até o superior completo, esses resultados destoam de outros em que se priorizaram ora falantes da norma popular (rural e/ou *rurbano*), ora da norma culta, em que, no primeiro tipo de norma, encontram-se percentuais bem mais baixos de aplicação da regra padrão de marcação de plural.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Para além das frequências de uso, é necessário refletir sobre diferenças de resultados em relação à seleção das variáveis linguísticas e socioculturais. Nota-se, por exemplo, nas pesquisas que consideraram conjuntamente dados de usuários das normas popular e culta (analisando conjuntamente informantes analfabetos, com ensino fundamental, médio e superior), ou até mesmo dados de usuários exclusivamente da norma culta, que a variação tem se mostrado estável (Graciosa, 1991, Scherre; NARO, 1997, OLIVEIRA, 2005, Monguilhott,

Em relação ao contraste PB e PE, entende-se que a variação na morfologia flexional de número no PB é uma particularidade do vernáculo popular brasileiro, ao contrário do que ocorre no PE (mesmo em suas variedades populares), em que a variação pode ser considerada um fenômeno marginal. Os resultados da variação com a fala popular europeia estão mais próximos do que ocorre na fala culta brasileira, já que esta se aproxima da norma padrão, que, por sua vez, está em maior consonância com a variedade lusitana.

Nesse sentido, não obstante a importância de pesquisas que contrastem o PB ao PE, julga-se que, para o entendimento sobre a formação e a caracterização atual da realidade sociolinguística brasileira, é fundamental também a realização de estudos que comparem a variedade brasileira com as faladas em outros continentes que não apenas o europeu. Desse modo, torna-se possível a ampliação do debate sobre a influência do contato linguístico na formação de variedades da língua portuguesa.

Salienta-se que, embora já existam alguns estudos sistemáticos, isto é, baseados em amostras sociolinguísticas, com dados do português de variedades africanas – a exemplo do estudo de Brandão e Vieira (2012) (nesse caso, em relação ao português de São Tomé) –, é visível que ainda faltam estudos que comparem a variação no uso da concordância verbal número-pessoal no PB com o português falado em outras ex-colônias portuguesas, a fim de que se investigue com maior agudeza o papel do contato entre línguas na formação de variedades nacionais da língua portuguesa. Assim, este estudo visa a sanar essa lacuna, comparando os resultados encontrados com dados do PB com os do português angolano (PA), especialmente do português falado na sua capital, Luanda. Intenta-se utilizar os dados do PA como um “espelho” da realidade sociolinguística brasileira do final do século XIX, dado que Angola passa, hodiernamente, por situações sócio-históricas similares às do Brasil daquele século (TEIXEIRA, 2008, 2013). Pretende-se, assim, contribuir com o debate sobre a formação do PB, ampliando o debate, com olhares também sob outras ex-colônias portuguesas (PETTER, 2006).

---

2001, 2009), ao contrário do que acontece nas populares rurais e *rurbanas* (Nina, 1980; Vieira, 1995; LUCCHESI, BAXTER E SILVA, 2009, BORTONI-RICARDO (2011[1985]), em que os índices de aplicação da regra padrão são mais baixos nos dados de informantes idosos, além do favorecimento da aplicação da concordância padrão nos dados de informantes jovens, algo que sugere um processo de aquisição na regra de concordância na comunidade de fala popular.

## DELIMITAÇÃO DO TEMA

Embora a maior parte dos estudos que tratam da concordância verbal de número no PB tenha focalizado a 3ª pessoa do plural (P6), o estudo da variação com a 1ª pessoa do plural (P4) também fornecem elementos para se discutir a importância do contato entre línguas na sócio-história brasileira, bem como do polarizado quadro da formação da população brasileira, que levou à bipolarização de normas linguísticas na língua majoritariamente falada no Brasil. Sustenta-se, inclusive, a hipótese de que a ausência de marcas de número nas formas verbais de P4 é ainda mais típica do vernáculo popular brasileiro.

Os resultados dos trabalhos realizados sobre o uso variável da concordância verbal com P4 fornecem elementos para que se postule que esse é ainda mais estigmatizado do que com P6, principalmente se dessa última forem consideradas formas de menor saliência fônica, a exemplo de “eles sabe” ou “eles canta”, bem como os casos de posposição de sujeito e de verbos inacusativos, os quais são facilmente encontrados na fala de pessoas escolarizadas, como “chegou os livro(s)” e “Os menino(s) nasceu”. Sendo assim, acredita-se que é possível ocorrer certo nível de variação no uso da CV com P6 entre informantes cultos, mas, com P4, é quase inexistente essa variação. Julga-se, pois, que, no geral da realidade sociolinguística brasileira, falantes com ensino superior não utilizam usos como “*nós vai*” ou “*nós viemos*”, principalmente considerando-se que “a falta de concordância é claramente um estereótipo na avaliação subjetiva dos falantes considerados cultos” (LUCCHESI, 2015, p. 206).<sup>3</sup>

A propósito, os resultados das variáveis sociais utilizadas no trabalho de Rodrigues (1987) fornecem evidências que atestam o caráter mais popular/vernacular da ausência das marcas de plural com dados de P4. Destaca-se, por exemplo, que, quando foi controlada a variável *sexo do informante*, os seus resultados indicaram que são as mulheres que menos realizam as marcas de número

---

3 Obviamente, não se está considerando usos específicos que podem ser considerados marcador de identidade de certos grupos, como ocorre, por exemplo, na periferia de São Paulo, conforme atesta o estudo de Coelho (2006), que concluiu que o uso da variante zero é “exagerado” entre os mais jovens como uma forma de resistência aos valores urbanos, na medida em que a usam com maior frequência, mesmo sendo os mais escolarizados da sua amostra.

nos verbos, favorecendo, inclusive, a não aplicação desta regra de plural, conforme demonstra a tabela seguinte<sup>4</sup>:

<b>P4</b>			
Fator	Subfatores	Frequência	PROB.
Sexo	1 Masculino	114/310 = 37%	.43
	2 Feminino	207/383 = 54%	.57
<b>P6</b>			
Sexo	1 Masculino	367/511 = 72%	.53
	2 Feminino	591/845 = 70%	.47

\* **Valor de aplicação: “variante zero”.**

Tabela 3: Reprodução da tabela apresentada por Rodrigues (1987, p. 200) concernente aos resultados da variável sexo do informante

A diferença maior entre os pesos referentes aos dois sexos está na concordância com P4. A autora interpretou esse resultado expondo que, socialmente, a não aplicação com P4 é mais saliente do que com P6, destacando, ainda, o fato de as mulheres, no português popular “rurbano” em São Paulo, ficarem mais circunscritas a trabalhos domésticos e terem, assim, menos acesso ao português urbano. Bortoni-Ricardo (1985 [2011]), demonstrou que a urbanização dos dialetos rurais se dá basicamente com o reconhecimento, por parte do migrante, de que seus usos linguísticos são estigmatizados. A autora encontrou resultados que atestam que ocorre entre esses informantes um aumento de uso da variante *-mos* à proporção que o migrante socializa-se no espaço urbano, enquanto que, para P6, não havia inovação ou mudança em relação ao seu dialeto de origem.

Outro aspecto que deve ser considerado quando se analisa o uso variável da concordância verbal com P4 é a recorrente divulgação de que a redução do uso de plural nas formas verbais no PB relaciona-se à introdução das formas *você* e *a gente* no sistema pronominal do PB. Sobre isso Figueiredo Silva (1998, p.190-91), em artigo sobre inovações morfológicas no português do Brasil, pondera que a morfologia específica de primeira pessoa do plural está em extinção, devido a

4 Salienta-se o caráter diferenciado na norma popular rural e rurbana, haja vista que, em estudos realizados com dados de comunidades urbanas, atesta-se o contrário, isto é, as mulheres usando mais formas de prestígio, como demonstram os estudos de LABOV (1976, p. 331) e de TRUDGILL (1974, p. 94).

mudanças no sistema pronominal que acarretam a redução do sistema de desinências verbais:

Já é fato notório que o português brasileiro está em um processo de franca perda da parte da flexão verbal relativa à desinência número-pessoal, devido à renovação no quadro pronominal promovida pela entrada de *você(s)* e, mais recentemente, de *a gente* (FIGUEIREDO SILVA, 1998, p.190).

Sobre essa questão posicionam-se Zilles, Maya e Silva (2000, p. 203-204), chamando a atenção para se considerar a existência de duas histórias sociolinguísticas no PB:

[...] Há, no entanto, que se reconhecer a existência de um outro percurso da língua no país, resultante de sua aquisição por falantes de outras línguas, processo que se repetiu (e se repete ainda) inúmeras vezes ao longo da história, desde a chegada dos portugueses em 1.500. Neste outro percurso, estabeleceram-se, grosso modo, na zona rural, de São Paulo até o Nordeste, variedades dialetais com apenas uma diferenciação número-pessoal no verbo, a de primeira pessoa do singular. A primeira marca pessoal a ser aprendida nas situações de contato, segundo Emmerich (1984), enquanto todas as outras pessoas são não-marcadas [...].

De fato, é mais apropriado postular que, nas variedades populares do PB, houve uma erosão da morfologia flexional, devido a fatores sócio-históricos, a exemplo do contato entre línguas, levando a significativas consequências sociolinguísticas para a realidade atual do PB, sendo a principal delas a bipolarização de normas linguísticas e a estigmatização de usos linguísticos associados a um contingente populacional marginalizado na história sociolinguística brasileira. Explicações estruturais, como a da força da introdução das formas nominais no quadro de referência pessoal não se aplicam às variedades populares do PB.

Em vista dos aspectos discutidos nesta seção, salienta-se que neste artigo, a análise contrastiva com dados do PB e do PA foi feita priorizando-se a variação com sujeitos de primeira pessoa do plural (P4), o que se justifica por se querer investigar se o uso da variante zero com sujeito dessa pessoa gramatical, tão típico do vernáculo popular brasileiro, também ocorre nos dados do português falado em outra ex-colônia de Portugal. Ademais, justifica-se também pelo entendimento de que a ausência de marcas de concordância de número nas formas verbais com

sujeitos de P4 é típica de línguas que passaram por situações intensas de contato entre línguas e, desse modo, possibilita-se a investigação acerca do efeito do contato linguístico nessas duas variedades transnacionais da língua portuguesa.

## QUADRO TEORICO-METODOLOGICO

Utilizou-se o arcabouço teórico-metodológico da *Sociolinguística Variacionista* (WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006 [1968] e LABOV, 2008[1972], 1974, 1982 e 1994, entre outros), procurando projetar a variação da concordância verbal (para o passado e para o futuro) e não apenas sistematizando a variação. Ou seja, uma vez que esse a ausência de concordância sujeito-verbo pode ser considerado um *estereótipo sociolinguístico* nas normas urbanas do PB (FREITAG, 2015), acredita-se que, com esse tema, é possível analisar em que nível se encontra o entrecruzamento de normas, acentuado no Brasil a partir do início do século passado. A propósito, hipotetiza-se que a diversidade de amostra possibilita que se investigue, a difusão da variação/mudança em foco neste artigo, no *continuum* sociolinguístico brasileiro e angolano.

Foram analisados dados levantados em inquéritos fônicos do tipo DID (diálogo entre um documentador e um informante), com duração entre 40 e 60 minutos. Como esta pesquisa objetiva pesquisar se há semelhanças e/ou diferenças entre o português brasileiro (PB) e o português angolano (PA), no que concerne ao uso variável da concordância verbal de número com sujeitos de P4, foi preciso analisar dois *corpora* linguísticos: o primeiro, com amostras da zona urbana do município de Feira de Santana-Ba, pertencentes ao acervo do projeto *A língua Portuguesa do Semiárido Baiano – Fase 3<sup>5</sup>* e o segundo, com amostras gravadas na capital angolana Luanda, pertencente ao acervo linguístico dos projetos de pesquisas *Em busca das raízes do português brasileiro* e *A concordância verbal em Luanda-Angola: elementos para a discussão sobre a formação do português brasileiro*.<sup>6</sup>

Os informantes da primeira *amostra* são pessoas nascidas na zona urbana de Feira de Santana e são representantes da norma popular e da norma culta. Já no que se refere à segunda *amostra*, foi feito o controle quanto ao local de nascimento

---

5 Informações disponíveis em:<<http://www.uefs.br/nelp>> e em Araujo e Almeida (2014).

6 Informações disponíveis em:<<http://www.uefs.br/nelp>> e em Teixeira (2008).



do informante, isto é, se na capital ou no interior. Dessa forma, os informantes foram assim distribuídos em variáveis sociais:

SEXO	Masculino
	Feminino
FAIXA ETÁRIA	Faixa I (25 a 35 anos)
	Faixa II (45 a 55 anos)
	Faixa III (acima de 65 anos)
ESCOLARIDADE	Baixa ou nula
	Superior

Quadro 1: Variáveis socioculturais consideradas na análise sociolinguística no português de Feira de Santana-Bahia-Brasil

Sexo	Masculino   Feminino
Faixa etária	I – 20 a 32 anos   II – 33 a 50 anos   III – acima de 52
Escolaridade	Baixa ou nula, Superior
Língua materna	Português   Línguas africanas
Local de nascimento	Capital   Interior

Quadro 2: Variáveis socioculturais consideradas na análise sociolinguística no português de Luanda-Angola

A variável em estudo é binária<sup>7</sup>, com uma variante com marcas de número de primeira pessoa do plural e outra variante sem tais marcas. Além das variáveis extralingüísticas elencadas nos Quadros 1 e 2, foram consideradas as seguintes variáveis linguísticas: *Realização e posição do pronome sujeito; Saliência fônica; Nível de referencialidade do sujeito; Composição do sujeito; Tipo de discurso; Tipo de texto e Tempo verbal*. Finalizado o processo de observação, levantamento e fichamento das ocorrências das variantes analisadas, os dados foram codificados pelo programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que os contabilizou quantitativamente pelos vieses estatísticos e probabilísticos, chegando-se a resultados percentuais e aos pesos relativos. Considerando a contabilização numérica quantificada pelo programa, os resultados foram analisados e, na próxima seção, são apresentados e comentados.

No levantamento dos dados, não foram computadas ocorrências com sujeitos expressos pela forma pronominal *a gente*, embora essas tenham sido muito recorrentes nos *corpora*. Esses dados não foram considerados, porque se constatou

7 Saliencia-se que formas como “temos”, “temo” ou “passemo” foram consideradas com marcas de plural, ao passo que “tem” ou “passa”, como sem marcas.

que, em apenas 0,6% dos casos, o verbo da oração foi usado com flexão, ou seja, há categoricamente a concordância entre o sujeito “a gente” e o verbo da oração. Assim, usos como “*A gente fomo(s)*” – verbo flexionado com sujeito *a gente* – são raríssimos nos *corpora* sob análise, principalmente levando-se em consideração a alta produtividade, no PB, da forma *a gente* com verbo não marcado, como ocorre, por exemplo, na frase “*a gente foi*”<sup>8</sup>.

Assim, neste estudo, foram consideradas formas verbais finitas, cujo sujeito era expresso pelo **i) pronome pessoal (nós)**, **ii) por sintagma composto (eu + SN lexical e/ou pronome de 2ª e/ou 3ª pessoa)** e pela **iii) forma zero (sujeito desinencial)**, além de casos com **iv) referência indefinida (+ genérica)**, desde que o contexto desse ensejo para a variação. As seguintes frases exemplificam, respectivamente, os tipos de dados selecionados para P4: i) “**Nós** foi(-mos) ao parque”, ii) “**Eu e João** trabalha(-mos) muito”, “**Eu e ele/você** trabalha(-mos) muito”, “**Eu, João e ele/você** trabalha(-mos) muito”, “**Eu e os meninos** lemos”, iii) “Nós passeamos, mas **Ø**trabalha(-mos) muito”, iv) “Quando **nós** casa, quer a casa da gente” / “**nós** nunca sabe com quem tá lidando, o ser humano não sabe..”

Foram excluídas, além de ocorrências com a forma *a gente* na função de sujeito, outras, cujo contexto não dava ensejo à variação, sendo algumas construções cristalizadas na língua portuguesa, a exemplo de:

- (1) “*Eu sou armador ... **Vamo** dizer, tem um prédio (...)*”
- (2) “*Por outro lado, os pais tinham, **suponhamos**, dois ou três filhos.*”
- (3) “*Tem vez que faz assim, **vamos** supor: uma pessoa tem um (...)*”.

Como procedimento metodológico, foi examinado ainda se o contexto dava realmente ensejo à variação. Nesse sentido, excluíram-se dados com sujeito nulo que não fosse uma retomada anafórica, conforme exemplos a seguir, por julgar

---

<sup>8</sup> Freitag (2015, p. 5), ao pesquisar, em dados levantados no estado de Sergipe, a relação entre níveis de escolaridade e de formalidade e a concordância verbal com pronomes de primeira pessoa do plural, encontrou apenas um percentual de 1% concernente ao uso da forma *a gente* com verbos flexionados, seguidos de 81% de *a gente* com -0, 12% de *nós* com -mos e 6% de *nós* com -0.

que sem a retomada anafórica não haveria espaço para a variação sem mudança de significado, tal como postula Labov (2008 [1972]):

(4) “Ah, tem a terceira idade tombém. Não **vamos** esquecer da terceira idade, né?”.;

(5) “**Passamos** também lá na casa do colega da... da irmã do meu genro”.

(6) “Apesar da... das restrições da...de liberdades políticas, **tínhamos** outros sonhos, **tínhamos** com que lutar, **tínhamos** referenciais...”.

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na amostra do PB (normas culta e popular feirense) foram levantados 152 dados (nas 24 entrevistas consideradas). O baixo número de dados existiu, principalmente, devido à ampla difusão do uso da forma *a gente* na função de sujeito, cujos dados não foram computados, conforme se expôs anteriormente. Os resultados são apresentados na Tabela 4:

Variante	Número de ocorrências/total	Frequência
Com concordância (morfema <i>-mos</i> e alofones)	133/152	87.5%

Tabela 4: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 no português feirense (normas popular e culta)

Os resultados referentes à variável *Escolaridade do informante* informam que a situação sociolinguística na comunidade de fala do município de Feira de Santana-Ba organiza-se de forma bipolarizada, com um acentuado abismo entre o uso culto e o popular no que tange à CV:

Escolarização do informante	Com concordância	
	Aplicação/Total	Percentual
Analfabetos e semianalfabetos	22/40	55%
Ensino superior	111/112	99.1%

Tabela 5: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 segundo a escolaridade do informante no português feirense

Na fala culta, a concordância verbal é categórica, pois o único dado sem aplicação da regra de plural ocorre em contexto muito particular, pois se trata de um caso de sujeito composto e posposto, que foi proferido por um informante da Faixa etária 1, do sexo masculino:

(7) “**Vai** sair eu, meu companheiro, mais dois amigos, né? Dois amigos que também são gays[...]”.

Já, na fala popular, é bastante recorrente dados como (8), em que ocorre ausência de CV, mesmo em contexto de alta saliência fônica e de maior proximidade entre o sujeito e o verbo.

(8) “Nós **comprou** um DVD

Salienta-se que dados com variação alomórfica foram considerados com concordância, pois ocorre a presença de morfema de plural:

(9) “Nós não **demoremu** muito pra ver o outo.”

Na fala popular urbana, apenas foram levantados 40 dados, pois o uso da variante *a gente* na função de sujeito está ainda mais difundido do que na norma culta feirense. Os dados são tão poucas que os resultados estatísticos ficam comprometidos. Assim, apenas são apresentados e discutidos os resultados gerais, isto é, conjuntamente, os resultados referentes aos dados das normas popular e culta. Das dez variáveis controladas, quatro foram selecionadas como favorecedoras à aplicação da regra de concordância, nesta ordem: *escolaridade, realização e posição do sujeito, sexo, faixa etária*:

Quanto à escolaridade, já se supunha que essa variável seria selecionada, devido ao estigma associado ao uso da variante zero no uso da concordância verbal

com P4, sendo vinculada a pessoas com pouca ou nenhuma escolarização e ainda às residentes em bairros pobres ou da zona rural.

Escolaridade	Ocorrências/ total	Frequência	Peso Relativo
Baixa ou nenhuma	22/40	55%	.000
Superior	111/112	99.1%	.992
Total de ocorrências	133/152	87.5%	

Input 0.090; Sig. 0.010; Convergence at iteration 8

Tabela 6: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 segundo a variável escolaridade do informante no português feirense

A variável realização e posição do sujeito foi selecionada como estatisticamente favorável ao uso da variante padrão. O peso do fator sujeito anteposto na oração anterior foi ainda mais alto do que para o fator anteposição imediata do sujeito, este também selecionado. Essa é uma variável estrutural que tem se mostrado relevante para o uso da ausência de marcas de concordância independentemente da amostra analisada.

Antes de apresentar os resultados, destaca-se que não foi encontrado nenhum dado com os fatores *sujeito anteposto com uma relativa, sujeito posposto com material interveniente e sujeito posposto depreendido na oração posterior*. Os resultados encontrados em todo o *corpus* foi o seguinte:

Posição do sujeito	Ocorrências/ total	Frequência	Peso relativo
Imediatamente anteposto	108/120	90%	.622
Imediatamente posposto	2/6	33.3%	.000
Na oração anterior	19/21	90.5%	.932
Anteposto com material interveniente	4/5	80%	.004
Total	133/152	87.5%	

Input 0.090; Sig. 0.010; Convergence at iteration 8

Tabela 7: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 segundo a variável posição do sujeito (normas popular e culta feirenses)

A posposição desfavorece o uso da concordância, confirmando os resultados obtidos em outras pesquisas. Já no que diz respeito à variável sujeito expresso na oração anterior, os resultados também confirmam a hipótese de que a ausência do sujeito na oração favorece a marcação de plural na forma verbal. A título

de deixar mais esclarecido como foram levantados os 21 dados desse tipo, apresentam-se algumas das ocorrências:

(10) [...] Nós ficava lá, nós dormia lá, **comia** lá, tudo.

(11) [...] nós fomos, **passamos** o dia lá.

A variável *sexo do informante* evidencia que há um favorecimento do sexo feminino pelo uso da regra padrão de concordância. Isso é típico de uma variação que envolve a implementação de uma forma prestigiada. Como é sabido, as mulheres, em comunidades urbanas, são mais sensíveis à normatização linguística, rejeitando formas estigmatizadas em variações estáveis (cf. LABOV, 2001, p. 274). Salienta-se que os resultados encontrados nesta pesquisa, são contrários aos obtidos por outros pesquisadores que analisaram essa variação em amostras de fala popular, a exemplo de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) e Rodrigues (1987), em que as mulheres estavam em desvantagem no uso da variação padrão. Mas, como os resultados apresentados acima englobam o uso culto e popular, é preciso ter cautela ao se fazer generalizações.

Sexo	Ocorrências/ total	Frequência	Peso relativo
Masculino	51/63	81%	.011
Feminino	82/89	92.1%	.960
Total de ocorrências	133/152	87.5%	

Nível de significância: 0.010

Tabela 8: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 segundo a variável *sexo do informante* (norma popular e culta feirenses)

Para os resultados concernentes à variável *faixa etária*, é preciso destacar que os resultados são referentes às duas normas analisadas. Assim, a variação demonstrou-se estável, na medida em que, à proporção que há um afrouxamento dos rígidos padrões linguísticos em relação à norma gramatical na fala culta, assiste-se ao incremento da regra na fala popular, impulsionado pelo aumento da escolarização e da urbanização. A hipótese inicial para essa variável partia do pressuposto de que a faixa etária mais jovem seria o fator a favorecer o uso da concordância padrão. O raciocínio empregado para sustentar essa hipótese foi o de

que, com o processo de urbanização e de democratização de ensino, acelerados nas últimas décadas, os informantes da faixa 1 usariam mais a variante padrão, ao passo que os das faixas etárias mais altas usariam mais o uso da variante zero, pelo fato de preservarem mais as consequências do processo de contatos linguísticos e de marginalização a que foram submetidas a população pobre ao longo da história brasileira. Contudo, como se pode ver pelos resultados apresentados na Tabela 9, não é isso o que se constatou. Para melhor se visualizar os resultados são apresentados os resultados na tabela seguinte:

Faixa etária	Ocorrências/ total	Frequência	Peso relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	14/22	63.6%	.002
Faixa II (45 a 55 anos)	45/49	91.8%	.975
Faixa III (a partir de 65 anos)	74/81	91.4%	.363
Total de ocorrências	133/152	87.5%	

Tabela 9: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 segundo a variável faixa etária do informante (normas popular e culta feirenses)

Os resultados levam à interpretação de que o processo de mudança como sendo um caso típico de estabilidade linguística na comunidade de fala, com os jovens e idosos apresentando o mesmo comportamento linguístico, contrastando com a população de meia-idade, faixa etária que mais utiliza as formas de prestígio. Para Duarte e Paiva (2003, p. 18), em casos assim, ocorre mudança no indivíduo e estabilidade na comunidade. Essa situação é o oposto do que ocorre nos casos de mudança em progresso, quando os mais jovens utilizam a forma inovadora com maior frequência que os mais velhos.

Quando é considerado, porém, dados apenas rural em comunidades rurais da Bahia, com uma base de dados quantitativamente mais representativa, embora também a variável não tenha sido selecionada, o processo de variação sugere um processo de aquisição da regra de CV por parte da população jovem:

Faixa etária	Com concordância	
	Número de ocorrências	Frequência
JOVEM	95/151	62,9%
ADULTO	42/121	34,7%
IDOSO	69/223	30,9%

Tabela 10: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 segundo a variável *faixa etária* em comunidades rurais do semiárido baiano Fonte: Reis (2016)

Os resultados referentes ao português luandense revelaram dessemelhanças em relação ao PB. Foram encontrados os seguintes resultados:

Variante	Número de ocorrências/total	Frequência
Com concordância (morfema <i>-mos</i> e alofones)	442/443	98.8%

Tabela 11: Aplicação da regra padrão de concordância verbal com P4 no português luandense (normas popular e culta feirenses)

O único dado sem morfemas de plural foi encontrado na fala de uma mulher com baixa escolaridade, da faixa etária 1 (28 anos), natural da capital e falante do português como L1. Eis o dado:

(12) “Nós **gostava** muito. Foi música *O Pato*[...]”.

Além de a frequência da variante zero ser baixíssima no português popular luandense (1/233 - 0,4%), detectaram-se, usos impensáveis na fala popular brasileira, conforme exemplos de (11) e (12):

(13) “Quando nós **famos** à discoteca [...]”

(14) “As nossas brincadeiras que nós **fzíamos**...”.

Chama a atenção também nos dados luandenses, inclusive nos dados da norma popular, outros usos considerados padrão, como o uso do verbo *haver* no sentido de *existir*. Destacam-se também o uso de expressões típicas do PE, como “miúdo”, (12) “Hoje você vê miúdas com 12 anos passando com namorado” e, embora não tenha sido objeto de análise neste artigo, o uso da expressão *a gente* com verbos flexionado, a exemplo de “a gente temos”.

A respeito da comparação entre os resultados sobre o uso variável com P4 e com P6, salienta-se que Araujo e Lucchesi (*no prelo*) realizaram um estudo sobre a concordância verbal com P6 no português luandense e encontraram uma



frequência de uso da variante zero, na ordem de 11,5% (34 das 296 ocorrências com sujeitos de P6), algo que leva a se concluir que a variante zero com P4 é ainda menos frequente na fala de pessoas altamente escolarizadas do que com sujeitos de P6. Esses resultados vão na mesma direção de outros estudos em que foram pesquisadas a variação com P6 e P4 na fala culta brasileira. Graciosa (1991), por exemplo, encontrou um índice de 5% de apagamento com a terceira pessoa do plural, considerando dados do Projeto NURC, enquanto o percentual aqui encontrados para P4 é de apenas 0.09%. Nesse sentido, confirma-se a hipótese inicial desse trabalho, que previa que a variação com P4 é mais acentuada entre informantes da norma popular, sendo a variante zero bem típica do vernáculo popular brasileiro, comprovando ainda a hipótese da maior estigmatização da variante zero com P4 na fala brasileira. Ao que parece, a variação na fala luandense vai nessa mesma direção, sendo, no entanto, o uso da variante zero na fala popular muito mais incipiente do que na fala feirense (uma frequência de 0.02% contra a de 55% na fala popular feirense)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise contrastiva realizada neste estudo demonstrou não haver semelhanças entre o português luandense (PL) e o português feirense, respectivamente representantes do português angolano (PA) e do brasileiro (PB). Nesse sentido, considerando que estudos têm revelado um notável contraste entre o português brasileiro (PB) e o PE, no que tange ao uso variável da concordância verbal, (GANDRA, 2009, Araújo, 2012), é possível postular que o PL se aproxima notoriamente da variante europeia.

Como síntese das conclusões desta pesquisa, cujo foco foi a comparação entre os usos da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, no português falado em duas ex-colônias portuguesas, apresentam-se os resultados sumarizados na Tabela 12:

PORTUGUES BRASILEIRO Feira de Santana-Bahia-BR		PORTUGUES ANGOLANO LUANDA-LUANDA-AO	
NORMA POPULAR	NORMA CULTA	NORMA POPULAR	NORMA CULTA
55%	99,1%	99,8%	100%

Tabela 12: Comparação entre o PL e o PB na realização da concordância em P4

Os resultados expostos na Tabela 12 levam a se interpretar que caracteriza o vernáculo popular brasileiro a erosão na morfologia flexional do PB, ao passo que, no português luandense, a concordância verbal é categórica (LABOV, 2003) em ambas as normas. Abre-se, pois, espaço para uma reflexão sobre a constituição do PL – que passou por um processo de colonização diferente do acontecido no Brasil –, onde a língua portuguesa foi firmemente imposta como língua de poder, sendo ensinada e aprendida como língua oficial por grande parte dos luandenses, tendo Angola se libertado do jugo português apenas recentemente (1961), de modo que a variedade angolano ainda está em formação. Desse modo, é necessário ponderar apenas se houve ou não contato entre línguas no processo de formação das variedades linguísticas, mas crucialmente o tipo do contato que houve (ARENDS, 2008; SINGLER, 2008).

## REFERENCIAS

ANJOS, Sandra Espínola. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba**: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; LUCCHESI, Dante. **Um estudo contrastivo sobre a concordância verbal em Feira de Santana e em Luanda**. (no prelo)

ARENDS, Jacques. 2008. A demographic perspective on creole formation. In: S Kouwenberg & JV Singler, eds., **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Oxford: Blackwell, p. 309-331, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **Papia** (Brasília), v. 22, p. 7-39, 2012.

Figueiredo Silva, Maria Cristina. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: CABRAL, Loni Grimm; GORSKI, Edair (Org.) **Linguística e Ensino**: reflexões para a prática pedagógica materna. Florianópolis: Insular, 1999. p. 181-198.

FREITAG, R. M. K. Interaction between educational and formality degrees in Brazilian Portuguese first person plural. In: **44 New Ways of Analyzing Variation** - NWA, 2015, Toronto. NWA 44 Abstracts. Toronto: University of Toronto/York University, 2015. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/283264907\\_Interaction\\_between\\_education\\_and\\_formality\\_degrees\\_in\\_Brazilian\\_Portuguese\\_first\\_person\\_plural\\_pronouns](https://www.researchgate.net/publication/283264907_Interaction_between_education_and_formality_degrees_in_Brazilian_Portuguese_first_person_plural_pronouns)>. Acesso em: 26.mar.2016.

GRACIOSA, Diva Maria Dias. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in brazilian portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. Philadelphia, 1981. PhD Dissertation, University of Pennsylvania.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 99-118.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.) **Variation Omnibus**. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1981. p. 177-199.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMAN, W; MALKIEL, Y. (ed.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**, vol. 1. London, New York: Basil Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of Linguistic change. Volume II: social Factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p.235-250.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n.12, 1994. p.17-28.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **DELTA**. São Paulo. v.17, n.1, p. 97-132, 2001.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolingüística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. Cap. 14, p. 331-371.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**. 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

NARO, Anthony J.; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: STEEVER, S. B.; WALKER, C.A.; MUFWWNW, S.S. (ed.) **Papers from the parasession on diachronic syntax (CLS 12)**. Chicago Linguistic Society, 1976.p. 221-240.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of syntactic change. **Language**, v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.

NINA, Terezinha de J. C. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na Microrregião Bragantina**. Dissertação (Mestrado em Lingüística), PUC-RS, Porto Alegre, 1980.

OLIVEIRA, Marian dos Santos. **A concordância verbal de 3ª pessoa do plural em Vitória da Conquista: um caso de variação estável**. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

PETTER, Margarida. Línguas de ontem, falares de hoje: inventário geolinguístico. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

RESENDE, Terezinha Cristina Campos de. **Dinâmica do Contato Dialetal: estudo sociolingüístico em Conceição de Ibitipoca - MG**. 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1987.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em

<[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)> Acesso em 25. out.2011.

SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolingüístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SINGLER, John Victor. The sociolinguistic context of creole genesis. In: SKOUWENBERG, S.; SINGLER, JV (ed.). **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Oxford: Blackwell. p. 332-358, 2008.

SOUZA, Constância Maria Borges de. A concordância verbal variável no português dos Tongas. **Papia**, v. 2, n. 21, p. 183-193, 2011.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia et al. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

TEIXEIRA, Eliana S. Pitombo. Aspectos da pronominalização do português vernacular de Luanda: uma comparação com o português do Brasil. In: Norma da Silva Lopes; Lígia Pelon da Silva Bulhões; Cristina dos Santos Carvalho. (Org.). **Sociolinguística: estudo da variação, da mudança e da socio-história do português brasileiro**. Feira de Santana: EDUEFS, 2013. p. 145-167.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Concordância verbal**: variação em dialetos populares do norte fluminense. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006 [1968].

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonarddo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS**. Porto Alegre, 2000, v. 14, n. 28 e 29, p. 195-219.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. A CONCORDÂNCIA VERBAL NOS CONTINUA SOCIOLINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO LUANDENSE. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 25-46, 2016.

**Recebido:** 31.01.2016

**Aprovado :** 25.04.2016